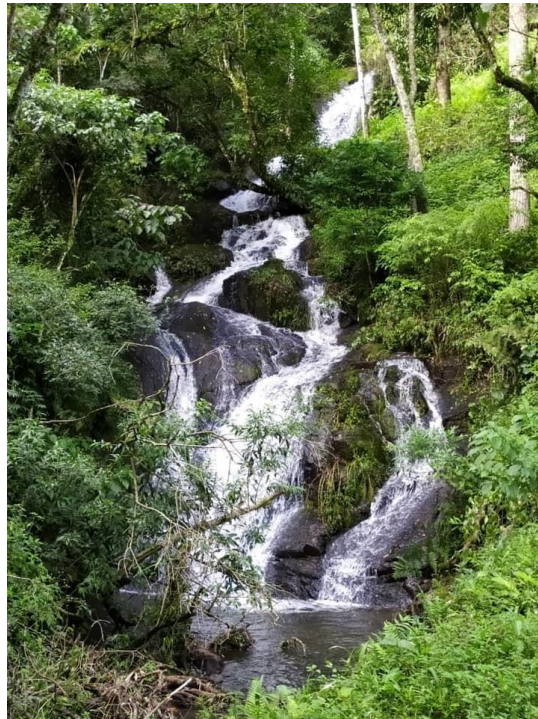


0
LIVRO
DO SONO
DO SONHO
DO VENTO
E
DO
TEMPO



carlos
rodrigues
brandão

o tempo, o nada

Agora já foi
o tempo
que ainda ontem
era agora.
Que foi um antes
do antes
de haver até mesmo
o antes
que houve depois
de ontem,
que havia depois
de quando?
Que acabou
antes de agora!

o sonho do outro

Com quem mesmo é que sonhava
o homem que vi em meu sonho
quando deitado e dormindo
dentro do sono eu sonhava?

E eu sonhava
um sonho estranho...

Um sonho sem hora e nome
de quem sonha adormecido
dentro de um sono pesado,
e depois de amanhecido
ainda sonha acordado.

O que foi que aconteceu?

O que terá sucedido?

Nunca soube o nome dele.

Se era um estranho ou amigo!

Será que eu caí no sono?

Pra é onde foi que eu viajei?

De onde foi que eu voltei?

Será que eu sonhei com ele,
pra ele sonhar comigo?

o rio e o resto

De pé, sozinho
na amurada de um navio,
eu vejo tudo o que há
aqui em volta deste rio.
Eu vejo tudo o que se move
e passa por onde parado
olhando o rio
eu viajo em cima de um barco
viajando em cima deste rio.

E sendo assim, lá vou eu
de pé na amurada do navio.
E tudo o que eu vejo à minha volta
eu vejo que se move e passa.
Tudo o que eu vejo viaja
como viajam as águas deste rio.

Tudo menos eu, menos o barco,
e o seu vogar sem fim
no espelho claro e calmo
das águas viajantes deste rio.

lembramentos

A saudade que eu tenho
não é de do lugar de onde eu vim,
e nem é a saudade do que eu fui
quando eu fui quem eu era
bem antes de ser eu, enfim.

A saudade que eu levo
e vai comigo vida afora
viajando como o vento,
que mal chega até onde chega
e já passou e foi embora,
é a saudade do lugar
pra onde eu viajo agora
carregando nas mãos o que sobrou
no fundo da mala e da memória.

Lembranças de quem veio
do lugar pra onde vai,
Saudades de quem volta
ao lugar onde não foi.

a vaga lua

E nem era
a noite ainda,
não ainda,
e já tão cedo
a lua chega agora.

E a noite clara
se clareia inteira,
e de clara que é
acende antes da hora
a luz clara da lua
e apaga com o dedo
o brilho de todas
as estrelas.

E o escuro que havia
até essa hora
em que o sol se foi
ainda há pouco
e a lua da noite
se ilumina e se demora.

Demora a lua
e como a ave branca
bate as asas de luz,
voa como o vento,
e com o vento
ela clareia a noite.
Ela clareia a noite
a noite inteira
e depois passa
e vai-se embora.

e de longe, de repente o que se via

Lembro de quando
era bem cedo um dia
e um boi vinha vindo
pela estrada.
E era manhã e manhã cedo
e havia no céu
um sol de março,
que era claro como o azul
de um meio dia.

E então era em Minas
E era estreita e tão antiga
a antiga estrada
por onde o boi viajava.
e lento, como um boi,
um boi bem cedo caminhava
e devagar como um boi
um boi se vinha.

E de longe (eu juro!)
de repente o que se via
do alto deste canto
numa estrada de barro
antiga, lá em Minas,
era um boi parado
numa estrada antiga
já entre as onze e o meio dia,
e uma estrada
que pelo boi caminha.

marinheiro, poeta

Já pelo outono da vida
ele viajou a uma terra
de uma há muito desejada
pura e imensa mansidão.
E fez a sua casa ali
e plantou um jardim
e ancorou a vida enfim
no porto em que viveu
à espera de navio nenhum.

E navegou a sua mão
pelo jardim que fez
como quem semeia
o vento, a vela e um barco.
E todas as manhãs
viajava longos mares
indo do jardim da casa
ao fundo do quintal.

E escrevia versos
pela noite adentro
de dois em dois
de um em um
como quem viaja
um mar sem fim
em busca de uma ilha
além dos mapas,
atrás de um porto
em um lugar nenhum.

passo-a-passo

Os meus caminhos,
mais me perdendo
que achando.
Mais ao buscar
que esperando
quem me ensine
onde chegar.

Pois se acaso
eu não me perco,
onde é que me
posso encontrar,
encontrando
os meus caminhos
que quando
foram perdidos
e depois
oram encontrados
no meu sempre
caminhar,
foram caminhos
e encontros
que se perde
quando chega
e se encontra
ao se voltar.

vida. vida?

Do acaso inesperado
surge a espera
de que coisa alguma
aconteça agora.

Nada existe dentro
e não há nada fora
E nenhum verão vem
depois da primavera.

Meu coração nem sente
e nem decora
o abecedário do Carlos
que eu ontem fui.
Ele sonha o que eu não sei
e eu sonho vida afora
com um lago que eu sou
e hoje é um rio... e flui.

Vida é o que eu vivi?
E noves fora... nada?
E é dela que eu lembro
quando acordo e esqueço?
E é na noite escura
a hora em que amanheço?
E a casa em que moro
é o começo de outra estrada?

outro sonho?

Eu sonhei
que me sonhava
um dia
e no sonho sonhava
que existia
um outro alguém
sonhando em mim.
E ele sabia
e me lembrava
o que antes eu mesmo
sonhando me esquecia.

Eu dormia e dormindo
sonhava, sonhara e sonhei
até quando veio a hora
em que do sono que eu sonhava
eu acordando... acordei

e descobri
que aquilo tudo
que no sonho eu assistia
agora acordado
de novo eu então revia.
Mas tudo o que no sonho
eu lembrava
agora, acordado... esquecia.

um menino... quando ficou velho

Ele cheirava a chuva
e via o vento.
Pensava que a noite
era um momento,
e que tudo o que havia
havia dentro
da semente
de onde brotam
a vida e o tempo.

o grande, o pequeno

Grande como
o mundo inteiro,
pequena formiga
que levas na boa
toda a floresta
para o formigueiro!

o resto de tudo

Restou de toda a noite
apenas este resto de poeira
No entanto,
reluz ainda com a luz
de uma estrela lá no céu
esquecida de apagar
e ainda agora, brilhando
aqui... acesa inteira.

do chão

Como um outro rio,
como um riacho,
um homem anda.
Invisível ao olhar dos outros
ele navega suas próprias águas
e de onde volta, e aonde vai
deságua sempre,
como um rio
que se acaba na viagem
de um outro longo
e vagaroso rio.

o menino do vento

Venta, vento do sul.
Vem e venta ligeiro
que eu pinto de azul
o teu sopro todo,
o teu corpo inteiro.

sonhagem

E eu que sonhava
(juro!)
que eu queria ser só
uma curvinha de estrada.

ontem sonhei que eu fui.
Sonhei... acordei, e era
não menino, mas estrada.
e agora dentro do sono
não quero sonhar mais nada!

um riacho na montanha

As tuas águas são,
águas nascendo
como as águas
que não nasceram ainda.
Tão claras
que nem parecem vivas.
Tão breves
que nem parecem infindas.

a vida da morte

Aqui neste jardim
secaram séculos
de folhas secas,
de folhas mortas.
Mas, se elas estão aqui,
secas, sobre a terra,
estarão mortas?

dois poemas de vento

um

Veja o vento!
Ele veio de viagem
de um lugar longe daqui.
Mas, o que é “longe”
(o vento se pergunta)
quando quem veio de longe,
já está aqui?

dois

Viaja no vento
quem tem asa.
E é voando
que se sente em casa.

uma pelo outro

Todas as noites
quando a noite finda
e outro dia vem
eu sonho que o dia
é a noite ainda.

pequenos poemas japoneses

o primeiro

Um rio um dia
Aqui nascia.
Agora ele nasce
Todo o dia.

o segundo

Quem acorda
Acaba o sonho?
Ou, saindo do sonho
Agora sonha?

o terceiro

Um raio de sol
na gota do capim
a sua luz clareia em mim.

o quarto

Saiu no céu a lua cheia
e clareou a noite
em cada grão de areia.

o quinto

Passou o que passou?
Diz no chão a flor de Ipê.
Mas o que passou?
O que? o que?
Se o inverno ainda
nem chegou?

o sexto

Ontem saltou no lago a rã.
Quando ela tocar na água
será já amanhã!

o sétimo

Agora é noite.
Ouço no lago
o coaxar do sapo.

o oitavo

Morreu. Morreu
e foi-se embora.
E morto ele descobriu
que a eternidade
é o agora.

aprender e saber

Aprendia a saber ler
para ler o que aprendia.
Mas antes de saber
as mil palavras que eu lia
quanta coisa eu já sabia!

Pois antes de ler palavras
eu lia as flores e abelhas
lia o mel, o céu e o mar
os riachos e os amigos
com quem brincava e corria.
Lia o mundo e lia a vida
e com a vida... aprendia.

tudo? todo?

E o todo de tudo
(de tudo o que existe)
é o tudo do todo?
Então nada é ninguém
se ninguém é o nada?
E se atrás de um ninguém
há um alguém... também?